

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



A DESCONSTRUÇÃO DO SERTANEJO FORTE EM A PALAVRA QUE RESTA, DE STÊNIO GARDEL

Fábio Augusto Gomes Lima¹, Ana Carolina Negrão Berlimi de Andrade²

Resumo: Objetivando a desconstrução do homem sertanejo forte a partir da obra *A palavra que resta* (2021), de Stênio Gardel, este trabalho procura perquirir e ratificar a ruptura da heteronormatividade, da suposta inferioridade intelectual e força física estabelecidas, mormente, em *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Obra que traz consigo o conceito de raça, o qual vislumbra o sertanejo de forma preconceituosa e subalterna à população sulina ao construir imagens repletas de estereótipos que pudessem justificar o porquê dessas classes “não evoluídas” se contrariarem à república recém instaurada. Mediante a obra de Gardel (2021), é possível corroborar que o sertanejo não precisa ser, antes de tudo, um forte e que pode apresentar fragilidades físicas e psicologia profunda, enveredando, portanto, por caminhos opostos ao que Cunha (2020) instituiu como verdade. Com respaldo maior em Albuquerque Júnior (2011), Cunha (2020), Galvão (2000), Gardel (2021), Moraes (2003) e Oliveira (1998), buscamos lograr êxito em nossa análise desconstrutiva, com enfoque no personagem Raimundo.

Palavras-chave: Sertanejo forte; Estereotipia; Cunha; Gardel; *A palavra que resta*.

1. Introdução

Tendo em vista que Euclides da Cunha, escritor, engenheiro, professor, jornalista e autor da conceituada obra *Os sertões* (2020 [1902]), ao fazer o estudo sobre a Guerra de Canudos (1896-1897), promoveu em sua pesquisa pontos que relatavam o confronto na Bahia, fazendo perquirições desde aspectos geográficos, como o clima e o solo, até os caracteres do homem sertanejo – o qual integrava o espaço em análise durante a sua expedição –, este trabalho busca desconstruir, a partir da obra *A palavra que resta* (2021), de Stênio Gardel, a visão euclidiana sobre a figura masculina sertaneja-nordestina.

Cunha (2020) apegar-se, obstinadamente, à ideia genérica e discriminatória de que os homens sertanejos são uniformes, ou seja, possuem as mesmas características físicas e intelectuais, como se fossem originados a partir de um mesmo protótipo. Ademais, o autor se afina ao conceito de raça, o qual permite que o seu estudo se desenvolva de modo especulativo, tendo em vista que escrutinar a humanidade a partir do pensamento racial faz com que a sua pesquisa seja vista como equivocada.

Essa concepção estabelece que no sertanejo são perceptíveis os elementos constitutivos da “raça inferior” que, nesse caso, seriam os povos dominados

¹ Universidade Regional do Cariri, email: fabio.augusto@urca.br

² Universidade Regional do Cariri, email: nba.anacarolina@gmail.com

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



pelos europeus – os nativos e os africanos –, tornando prejudicial o resultado dessa mistura:

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. O indo-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou o tapuia exprimem estádios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço – traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares – é, quase sempre, um desequilibrado (CUNHA, 2020, p. 64-65).

Além de Cunha (2020) reduzir o povo sertanejo a uma categoria ordinária, ele notifica que, na maioria dos casos, são pessoas desequilibradas, as quais apresentam-se como seres “[...] sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores” (CUNHA, 2020, p. 65). Tal concepção sustenta que os influxos da suposta “raça inferior” são evidentes e não há no homem do sertão a percepção da energia física selvagem e, muito menos, a aptidão intelectual europeia, deixando categórico o fato de ser uma população não evoluída, ao contrário do povo sulino que seria predominantemente composto por imigrantes e descendentes europeus.

Mediante esses parâmetros, entrevemos que Gardel (2021), na composição de sua obra, dá vida a personagens que fogem da perspectiva euclidiana, ensejando-nos o exame de figuras que apresentam psicologia profunda e *modus vivendi* opostas ao construto do homem sertanejo fisicamente forte e desfavorecido racionalmente. Esse homem é estabelecido e caracterizado dessa maneira pelo inventor da publicação *Os sertões*, por meio da teoria de homogeneização humana, que subscreve o indivíduo sertanejo como cópia encorpada dos mesmos atributos dos seus antepassados e dos seus conterrâneos.

Para a empreitada da produção desta pesquisa, apoiamo-nos em Cunha (2020 [1902]), Gardel (2021), Albuquerque Júnior (2011) e em outros autores/pesquisadores que problematizam o sertão e as obras que lhe dizem respeito. Destarte, este artigo é inteiramente de cunho bibliográfico.

2. Objetivo

Tencionamos desmistificar o estereótipo estigmatizado do homem sertanejo, que o define como forte, irracional e desequilibrado. Essa discrepância se dá, à medida que analisamos a obra euclidiana, pelo fato do povo do sertão

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana

de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



supostamente exibir imensa força física ao passo que a sua cultura e o seu intelecto/psicológico se encontrariam aquém dos avanços modernos instaurados pelas regiões sulistas. A partir do livro *A palavra que resta* (2021), de Stênio Gardel, buscaremos, por meio dos personagens Raimundo e Cícero, quebrar essa concepção de cunho repressor e tradicionalista ostentada em *Os sertões* (2020 [1902]), de Euclides da Cunha.

3. Metodologia

Para o engendramento deste trabalho, recorremo-nos ao método bibliográfico, utilizando apenas textos para a perquirição do sertão e de sua população. As obras que mais se destacam nesta pesquisa são as de Cunha (2020), Gardel (2021) e Albuquerque Júnior (2011), entretanto, para entendermos melhor os paradigmas sertanejos, debruçamo-nos sobre as publicações de Arrigucci Júnior (2000), Galvão (2000), Moraes (2003) e Oliveira (2008).

4. Resultados

O maior resultado advindo deste estudo foi o possível desmonte da representação do sertanejo feita por Euclides da Cunha. Desconstruir o estereótipo de que o sertanejo é, antes tudo, um forte, serviu para mostrar que o discurso da estereotipia é assertivo e pedante (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 30), já que arrogar o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras, transparece mais a opinião pessoal do locutor ao que deveras é o próximo.

A obra *A palavra que resta* (2021), de Stênio Gardel, é pertinente ao apresentar personagens que vão em contrapartida às características impostas pela obra euclidiana. O personagem Raimundo Galdêncio, por exemplo, como protagonista, mobiliza toda a narrativa, posto que a história de sua vida foi impulsionada por Cícero – figura com quem vive, durante a adolescência, um romance – e principalmente pela carta que este lhe escrevera. Sem conhecer as letras, já que o seu pai o proibira de estudar na infância, com a justificativa de que “[...] a letra era para menino que não precisava encher o próprio prato” (GARDEL, 2021, p. 11), Galdêncio busca, já na velhice, aprender a ler e a escrever para poder descortinar “a palavra que resta” de Cícero. É aí, então, que se sobressai o seu passado, amalgamando-se com o seu presente, equipando a prosa com inúmeros fluxos de consciência.

O fato do livro de Gardel (2021) expor um romance homoafetivo no sertão, quebra o paradigma tradicionalista de Euclides da Cunha. Raimundo recusou-se enveredar pelo caminho do patriarcalismo sertanejo, “[...] não virou pai de família nem dono de sítio” (GARDEL, 2021, p. 11). Essa sinuosidade comprova que o personagem é obstinado em seus desígnios, ou seja, atesta psicologia profunda, o que rompe a conceituação de irracionalidade proveniente de Cunha (2020 [1902]).

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



No tocante à proeminência da força física em detrimento da baixa mentalidade, Galdêncio a anula ao não reagir aos espancamentos do pai e ao aceitar a aversão deste pelo seu romance com Cícero. Vejamos:

Avistou uma mancha de luz no alpendre. Quem esperava? O pai? Queria mais o quê? Aleijá-lo de vez? Já entendi, meu pai, engoli o que o senhor me disse, não precisa mais me dar carão falando de vergonha e sujeira, nem gastar sua força me dando pisa, que eu entendi, quer dizer, entendi não, aceitei, abaixo a cabeça, aceito, porque não sei como é que se vive com o ódio do pai, que tanto ódio é esse? não precisava ficar acordado até essa hora. Era bem para ter certeza de que Raimundo voltaria para casa. E iria para onde? (GARDEL, 2021, p. 62)

Confirmemos que a resistência de Raimundo às surras, o seu questionamento e o não rendimento às vontades do seu progenitor, fraturam o prisma euclidiano que vê o sertanejo como um ser de intelectualidade declinada. É importante ressaltar que o intelecto nem sempre está interligado à erudição, mas, sim, à capacidade de compreender e contestar.

Essas são algumas amostras dos pontos que instigaram a nossa investigação sobre o homem do sertão, na obra *A palavra que resta* (2021), por meio de *Os sertões* (2020 [1902]). Os excertos veiculados nesta subseção constataam que os estereótipos euclidianos são equivocados e superficiais ao tornar genérica toda a habitação da geografia sertaneja. Dispensar a possibilidade de encontrar personalidades distintas em meio a uma multidão, causa obstrução na obra, o que resulta em sua refutação.

5. Conclusão

Pela observação dos aspectos analisados, chegamos à conclusão de que, apesar de ser de extrema relevância para a nossa literatura, a obra euclidiana peca ao generalizar o sertão e os seus habitantes. O patenteamento do seu discurso assoma conceitos e percepções plenamente estereotipados, que lançam mão da cultura sulina para danificar a sociedade sertaneja nortista/nordestina.

Por intermédio dos personagens de Gardel (2021), Raimundo e Cícero, corroboramos que o sertanejo nem sempre tem que possuir, desmedidamente, um físico forte e uma psicologia rasa. Lutar por um amor que vai contra a tradição machista-patriarcal e deixar-se deter pelos castigos do pai, evidencia que o homem do sertão tem, sim, pulso firme em suas convicções e nem sempre usa a robustez corporal para lutar em prol daquilo que acredita.

Portanto, com este artigo, abrimos caminho para que outros trabalhos de pesquisa possam considerar a ideia de desmanchar a estereotipia do sertanejo forte, apoiando-se em obras que apresentem figuras opostas às ideologias tradicionais.

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV
Semana
de Iniciação Científica da URCA
e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



6. Agradecimentos

À Universidade Regional do Cariri (URCA) por me propiciar a oportunidade de produzir ciência. À professora Dra. Ana Carolina Negrão Berlini de Andrade por sua paciência e apoio em meu processo de crescimento intelectual.

7. Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.
- ARRIGUCCI JR. D. *O sertão em surdina*. Literatura e Sociedade, São Paulo, 2000.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 2. ed. Jandira, SP: Principis, 2020.
- GALVÃO, W. N. Anotações à margem do regionalismo. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/lis/article/view/18327>. Acesso em: 17 jul 2014.
- GARDEL, S. *A palavra que resta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- MORAES, A. C. R. O Sertão: um outro geográfico. *Terra Brasilis*, 2003. Disponível em: <http://terrabrasilis.revues.org/34>. Acesso em: 17 jul 2014.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. “A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro”. *História, ciências, saúde - Manguinhos*, vol. 5, suplemento (1998).